

Menino, de que seita sois? A argumentação polêmica no discurso religioso do Padre Antônio Vieira (1640)

Young man, what sect do you belong to? Controversial arguments in the religious discourse of Father Antônio Vieira (1640)

Priscila Santos Lopes¹

Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

priscila4lopes@gmail.com

Tarcísio Pereira Guedes²

Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

cisio.guedes@gmail.com

Lucas Nascimento³

Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

lnsilva2@uefs.br

RESUMO: Neste artigo, analisamos 7 argumentos polêmicos empregados pelo Padre Antônio Vieira no *Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda*, em 1640, cujo propósito era impedir a presença de holandeses na Bahia. Logo, o referido líder religioso fez uso do gênero discursivo sermão oral para exigir providências de Deus, considerado por Vieira como uma figura onipotente. Isso porque as terras baianas foram cercadas por holandeses. Estes, por sua vez, objetivavam dominar a economia açucareira e introduzir a doutrina calvinista. Contrário a tal posicionamento, o Padre teceu argumentos que apontaram como a eliminação dos holandeses proporcionaria a preservação da fé católica. Portanto, objetivamos compreender como o conteúdo do gênero discursivo adotado por Vieira se caracteriza como um evento polêmico, o que reflete a potência da linguagem em sua dimensão argumentativa e dialógica. Para tanto, o estudo está subsidiado na perspectiva da Análise Dialógica da Argumentação, proposta por Lucas Nascimento (2018a), fundamentada em Mikhail Bakhtin (2011; 2018; 2020) e em Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2014), em diálogo com Ruth Amossy (2017) e Marc Angenot (2008).

Palavras-chave: Sermão oral; Análise Dialógica da Argumentação; Evento polêmico.

ABSTRACT: In this article, we analyze seven controversial arguments used by Father Antônio Vieira in his Sermon on the Success of Portugal's Arms Against Those of Holland in 1640, whose purpose was to prevent the Dutch presence in Bahia. The religious leader used the discursive genre of oral sermons

¹ Doutoranda e Mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Bolsista CAPES. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8260-9650>

² Doutorando e Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Bolsista CAPES. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4542-1090>

³ Doutor em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8642-4397>

to demand action from God, whom Vieira considered an omnipotent figure. This was because the lands of Bahia were surrounded by the Dutch. The latter, in turn, aimed to dominate the sugar economy and introduce Calvinist doctrine. Contrary to this position, the priest put forward arguments that pointed out how the elimination of the Dutch would ensure the preservation of the Catholic faith. Therefore, we aim to understand how the content of the discursive genre adopted by Vieira is characterized as a controversial event, which reflects the power of language in its argumentative and dialogical dimension. To this end, the study is based on the perspective of Dialogical Analysis of Argumentation, proposed by Lucas Nascimento (2018a), based on Mikhail Bakhtin (2011; 2018; 2020) and Chaïm Perelman and Lucie Olbrechts-Tyteca (2014), in dialogue with Ruth Amossy (2017) and Marc Angenot (2008).

Keywords: Oral sermon; Dialogic Analysis of Argumentation; Controversial event.

Introdução

Antônio Vieira (1608-1697) nasceu em Lisboa, Portugal, mas morou no Brasil durante grande parte da sua vida, tendo falecido na Bahia. Em 1640, como jesuíta, vivenciou um cenário conflitante entre portugueses e holandeses em terras brasileiras. Na ocasião, o primeiro grupo visava impedir a invasão de pessoas holandesas, após as mesmas cercarem a Bahia para dominar a economia açucareira e traçarem um plano de introduzir a doutrina calvinista (Hansen, 2015). Incomodado com o plano holandês, o referido jesuíta fez uso do Sermão oral, um gênero discursivo, para exigir providências da instância transcendente que lhe aprazia: Deus. O conteúdo do Sermão não se limita a um simples pedido de intervenção divina, mas desemboca em uma complexa confrontação ao ser que, na perspectiva católica, é a maior figura de autoridade existente.

Sem temer ser rotulado de herege, Vieira faz uso do gênero discursivo sermão oral para tentar persuadir Deus a agir em favor dos portugueses, no contexto da Contrarreforma, sendo tal período caracterizado pela perseguição e repressão religiosa promovida pela Igreja católica. Para Vieira, no *Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda*, a eliminação dos holandeses proporcionaria a preservação da fé católica. Esta famosa peça da oratória sacra colonial portuguesa foi proferida pelo padre jesuíta na Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, em Salvador.

Nesta pregação, Vieira inova ao fazer de Deus o destinatário da mensagem e torna o seu auditório em um terceiro a escutá-lo (Amossy, 2020), como interessado na libertação dos colonos do Brasil de uma ameaça de jugo holandês e protestante calvinista. Estavam em jogo tanto a terra quanto a nação portuguesa quanto as almas de colonos e nativos, cenário este materializado na prédica em que Deus seja persuadido, pela argumentação do pregador, a salvar os habitantes da Bahia e do Brasil de sucumbir perante as armas do invasor herético (Vieira, 1959 [1640], p. 300-301).

Diante disso, o nosso objetivo neste artigo é compreender e analisar 7 argumentos polêmicos selecionados do referido Sermão, sob a perspectiva da análise dialógica da argumentação (Nascimento, 2018a). Tal dispositivo é fruto do encontro entre a Nova Retórica de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2014) – e o dialogismo de Mikhail Bakhtin, a partir da obra *Para uma filosofia do ato responsável* (Bakhtin, 2020). Em diálogo com a Análise Dialógica da Argumentação (ADA), também nos utilizaremos da perspectiva da argumentação no discurso, de Ruth Amossy, principalmente no escopo da *Apologia da polêmica* e traços constituintes desta modalidade argumentativa caracterizada pelo desacordo

profundo dicotômico, polarizado, desqualificador do adversário e demais traços (Amossy, 2017). Também iremos abordar a relação do *páthos* do medo aristotélico na retórica (Aristóteles, 1382b), materializado na argumentação de Vieira, em relação ao futuro perante a expectativa fatalista da derrota para o invasor herético e a própria relação deste medo do outro e pelo outro, também a partir do dialogismo bakhtiniano.

A proposta teórico-metodológica supracitada visa compreender a divergência profunda entre os campos discursivos em disputa, os quais, com base no método da empatia ativa e da *exotopia* bakhtiniana (Bakhtin, 2020), denominamos de portugueses anticalvinistas e, a partir deste campo adversário, denominamos o outro campo de holandeses calvinistas no Sermão, a partir da voz polêmica do padre Antônio Vieira. Em nosso dispositivo analítico é possível, dialógica e polemicamente, ver o posicionamento do outro sendo materializado e respondido em alguns parágrafos selecionados no Sermão, assim como o funcionamento dos atos e, principalmente, dos microatos polêmicos utilizados, sendo tais noções a serem discutidas na seção posterior.

Análise dialógica da argumentação e o gênero discursivo sermão oral

A análise dialógica da argumentação (ADA) delinea o discurso como retórico-dialógico-argumentativo, a argumentação como dialógico-discursiva e a retórica como dialogizada, além disso, também se utiliza da empatia ativa como método (Nascimento, 2018b). Quatro hipóteses surgem desse encontro: as noções de polêmica, evento polêmico, ato polêmico e microato polêmico. A polêmica é conceituada como um desacordo profundo que se manifesta argumentativamente (Nascimento, 2018a). O evento polêmico “é o encontro de posicionamentos polêmicos, fundantes de dois campos discursivos antagônicos [...]” (Nascimento, 2018a, p. 204). Se caracteriza por três elementos constitutivos:

Primeiro, há um encontro hostil de dois posicionamentos sobre um mesmo objeto, o que forma uma polarização em dois campos discursivos antagônicos [...]. Segundo, há uma maneira divergente entre os campos de hierarquizar os valores e posicionamentos em cada campo. Terceiro elemento, há uma atualização de entidades geradas por outras polêmicas, passíveis de identificação (Nascimento, 2019a, p. 10).

O evento polêmico, segundo Nascimento (2018a), é constituído de atos polêmicos, ou seja, “os acordos, os argumentos, as estratégias argumentativas e os posicionamentos

mobilizados no processo argumentativo” (Nascimento, 2018a, p. 209). O ato polêmico é composto por um conjunto de microatos polêmicos, que são “as palavras e as sentenças mobilizadas na construção do enunciado” (Nascimento, 2018a, p. 210).

Segundo Lucas Nascimento (2021), ao revisitar a obra seminal de Bakhtin (2020), a noção de ato responsável, tal como fundamentada em *Para uma filosofia do ato responsável*, designa a unidade concreta entre o conteúdo universal de um pensamento ou ação e a sua realização singular no evento da vida. A partir deste ponto de vista, o ato (*postupok*) de apresentar um sermão trata-se de mera ação mecânica, mas um acontecimento ético situado, no qual o sujeito, o pregador, ocupa um lugar único no tempo e no espaço, assume responsivamente aquilo que pensa e faz. Esta responsabilidade é bidirecional: pelo conteúdo-sentido (verdade lógica, estética, científica) e pelo existir concreto. Não se pode deduzir o dever ético do conteúdo abstrato (*istina*), pois o dever emerge quando o sujeito reconhece e assume esse conteúdo a partir de sua posição singular, convertendo-o em verdade vivida (*pravda*).

O ato responsável é a superação da cisão entre o mundo da cultura e o mundo da vida, pois ele reintegra produto e processo, universal e irrepetível, pensamento e existência (Bakhtin, 2020), ou seja, a cultura portuguesa católica contrarreformista, o brasil-colônia do séc. XVII, a cosmovisão tradicional jesuítica em diálogo com a própria época e o texto bíblico. Trata-se, então, de um ato assinado, no qual o pregador não pode se eximir alegando submissão a leis gerais, pois é convocado interiormente a responder por sua participação no ser e em seu próprio tempo (Bakhtin, 2020).

Essa participação é sempre axiológica e relacional, uma vez que o sujeito só se constitui na relação com o outro (Bakhtin, 2011), portanto o sermão constitui-se nessa relação. Desse modo, para Nascimento (2011), a filosofia do ato responsável funda uma arquitetônica ética que sustentará posteriormente a teoria bakhtiniana do discurso, já que todo enunciado é, em última instância, a realização linguística de um ato responsável, ou seja, em nosso caso, do ato responsável de pensar, elaborar, apresentar oralmente e definir o texto posterior do sermão, em toda a sua responsividade à cosmovisão, à época e aos outros homens, auditório ou leitores posteriores.

O objetivo analítico da ADA é o de buscar os efeitos de sentido dos argumentos, entendidos como enunciados, visto que tais atos concretos de linguagem dos sujeitos situados no aqui e agora são dotados de sentido. Isso se deve ao fato de a ADA compreender o sujeito argumentante responsável e responsável (Bakhtin, 2020), logo, constituído intersubjetivamente, em um processo discursivo, pela seleção de conteúdos e produtos

discursivos, melhor compreendidos a partir de tal arquitetura (Nascimento, 2021).

Desse modo, os enunciados, compreendidos como atos concretos, sempre responderão a outros enunciados que, por sua vez, também serão sempre respondentes a outros enunciados, possibilitando o estabelecimento de relações dialógicas. Sendo assim, o sentido desses atos são atualizados valorativamente pelo sujeito, no tempo e no espaço, em um determinado gênero discursivo (Bakhtin, 2016; 2018). A partir desta mesma linha epistemológica, ainda nos convém acrescentar que um gênero discursivo é um enunciado dotado de conteúdo temático, estilo e construção composicional determinados pela especificidade de um campo da comunicação. Portanto, é um tipo relativamente estável elaborado para cada campo de utilização da língua (Bakhtin, 2016). Em nosso caso, o gênero sermão.

A noção de “sermão oral”, no contexto da pregação seiscentista de Antônio Vieira, exige-nos distinguir dois planos. O primeiro é o do gênero sermão, em seus aspectos pragmáticos, discursivos e argumentativos. O segundo é o do seu sentido de “oral”, considerando que o texto hoje nos chega fixado por escrito, ainda que tenha origem retórico-perfomática. Sendo assim, o sermão é, antes de tudo, um ato público de elocução religiosa, proferido no púlpito, inserido numa situação institucional específica (rito litúrgico, solenidade, data religiosa) e orientado para a produção de efeitos nos ouvintes. Conforme Guilherme João Cenci, o sermão, “[...] no plano da oratória, designa a elocução pública que visa a comover e persuadir ou convencer” (Cenci, 2010, s.p.). Trata-se, portanto, de um discurso performativo, cuja eficácia se mede por seus efeitos.

Do aspecto pragmático do gênero, o sermão é monológico, pois o público não intervém na fala, mas é dialógico porque pressupõe destinatários concretos e um contexto determinado, com base nos pressupostos de Bakhtin (Cenci, 2010). Isto coaduna-se com o que preconiza Ruth Amossy, no sentido da argumentação no discurso, também a partir das trilhas de Bakhtin/Volóchinov, para o fato de que “O discurso argumentativo é sempre dialógico, não obrigatoriamente dialogal” (Amossy, 2020, p. 53) Ele visa ao arrebanhamento das almas e à correção moral e política dos ouvintes (Alves, 2025). A autoridade do pregador decorre de seu lugar institucional (Companhia de Jesus) e da tradição retórica e teológica que fundamenta sua palavra. Dessa forma, Vieira se constitui como “autoridade de gênero sacro”, apto a “regular outros discursos” (Oliveira; Alves, 2025, p. 279).

Do aspecto discursivo, o sermão integra a tradição retórica clássica (Aristóteles, Cícero, Quintiliano), mediada pela formação jesuítica (*Ratio Studiorum*). Seus princípios organizadores partem da primazia do *docere* sobre o *delectare* (ensinar prevalece sobre

agradar) (Oliveira; Alves, 2025), da defesa da adequação (decoro) entre matéria, estilo e finalidade, da naturalidade persuasiva (*negligentia diligens*), conforme Cícero e Aristóteles (Alves, 2025; Oliveira; Alves, 2025). O sermão é cuidadosamente disposto, como acontece, por exemplo, no *Sermão da Sexagésima*, em que Vieira constrói seu argumento de modo progressivo, examinando hipóteses antes de chegar à causa decisiva do fracasso das pregações. Além disso, a palavra é entendida como “acontecimento ativo”, no sentido abordado pela estudiosa Ana Lúcia de Oliveira, não é mera descrição, mas atualização eficaz da doutrina no presente da enunciação (Alves, 2025).

Do aspecto argumentativo do gênero, o sermão vieiriano organiza-se como discurso argumentativo de base aristotélica, ao articular tema (matéria doutrinária), *consilium* (finalidade prática) e decoro (adequação entre meios e fins) (Alves, 2025). Tomando novamente o *Sermão da Sexagésima* como exemplo, Gabriel Ibrahim Alves ilustra essa organização a partir da tese de Vieira de que “as palavras dos pregadores são palavras, mas não são palavras de Deus”, construída após exame metódico de hipóteses (Alves, 2025, p. 83). A eficácia é pensada também nos termos dos atos de fala de Austin, a saber locucionário, ilocucionário e perlocucionário, pois o sermão não apenas diz, mas faz, ao denunciar, admoestar, ameaçar, consolar, persuadir (Cenci, 2011). Isso torna o gênero sermão, no século XVII, um discurso público, institucional, teológico-retórico, orientado à persuasão e à transformação moral, estruturado segundo princípios clássicos de disposição, decoro e eficácia.

Quanto ao sentido oral, se o texto chegou-nos escrito, há uma transmutação dos atos de fala na passagem da fala para a escrita (Alves, 2025). No caso de Vieira, assim como em uma multiplicidade maior de outros autores, os sermões publicados não são simples transcrições mecânicas, pois trata-se de reelaborações cuidadosas. Em sua origem retórico-performática, sermão nasce como evento oral, situado no “agora” da enunciação. Ele integra voz, gesto, presença corporal e contexto litúrgico. O *ductus misterioso*, que se trata da organização proporcional e engenhosa do discurso, pode ter sido reforçado pela escrita, mas não estava ausente da prédica oral (Oliveira; Alves, 2025; Alves, 2025). Quando Vieira passa os “borrões” para o papel, o sermão deixa de ser destinado apenas a um “agora” específico e passa a circular em múltiplos “agoras” da leitura (Alves, 2025).

A oralidade, portanto, não desaparece, ela é imitada, reconfigurada e textualizada. A escrita conserva marcas da situação de enunciação (interpelações, vocativos, perguntas retóricas, alternância de destinatários), mas ajusta-as à nova temporalidade. Ou seja, o “sermão oral” que lemos é um texto escrito que preserva a estrutura retórica da performance,

conserva traços de enunciação direta, mas que foi retrabalhado segundo critérios de estabilidade, coerência e eficácia duradoura (Oliveira; Alves, 2025; Alves, 2025). Isso significa que o “sermão oral” configura-se como o discurso público religioso, proferido no púlpito, estruturado segundo princípios retóricos clássicos, orientado à persuasão e à transformação moral dos ouvintes (Cenci, 2011), cuja origem é performática e situada, mas que, ao ser transcrito e editado, passa por reelaboração textual sem perder sua matriz enunciativa e argumentativa⁴.

O sermão é pragmático por visar efeitos concretos nos fiéis e governantes, discursivo por organiza-se segundo normas retóricas clássicas e jesuíticas e argumentativo por construir teses progressivamente, com base em autoridades e raciocínios. É oral na origem, pois nasce como ato de fala situado e escrito na transmissão, pois é estabilizado e amplificado na forma impressa, ganhando nova temporalidade. Em Vieira, especialmente, o sermão oral torna-se um espaço de articulação entre a Palavra divina e palavra humana, presente na enunciação e permanência textual, performance e construção literária, autoridade teológica e intervenção sociopolítica. Ou seja, o “sermão oral” não é simplesmente fala transcrita, pois trata-se de um gênero retórico-performático cuja oralidade é constitutiva, mesmo quando fixada em escrita.

Portanto, o padre Antônio Vieira, utilizou o gênero discursivo sermão oral para endossar o repúdio à doutrina calvinista, adotada pelos antagonistas à fé católica, conter a expansão das vertentes protestante e calvinista⁵, visto que ambas vinham conquistando adeptos devido a reforma proposta pelo alemão Martinho Lutero. Ademais, tal gênero do discurso adotado por Vieira está posicionado, de acordo com Marcuschi (2008), em seu quadro intitulado Gêneros textuais por domínios discursivos e modalidades, na categoria de domínio religioso, o que pertence à oralidade. Desse modo, possibilitou que o jesuíta difundisse seu ponto de vista a céu aberto, o que refletiu as tensões ideológicas e, principalmente, religiosas da Contrarreforma.

Tal período, ocorrido no século XVII no Brasil, sob o domínio de Portugal,

⁴ Em relação ao processo de transposição da elaboração para o oral e, por sua vez, deste para a edição publicada, torna-se pertinente citar o que refere-se a estudiosa Ana Lúcia Machado de Oliveira (2018, p. 58-59) a respeito disto: “Para os interessados nos seus célebres sermões, a leitura das cartas redigidas pelo inaciano possibilita o acesso a informações relevantes acerca do processo de reelaboração de sua oratória sacra para publicação, em correspondência enviada da corte, onde organizou os primeiros tomos, e do Brasil, de onde os diferentes volumes de seu sermonário, seguiam na frota para Portugal, “entre o mascavo do açúcar ou fumo do tabaco” (Vieira, 2013, t. I, vol. IV, p. 476), encaminhando-se ao prelo.

⁵ “A expressão ‘Calvinismo’ vem do termo Calvino e foi usada pela primeira vez em 1552, numa carta do pastor luterano Joachim Westphal, de Hamburgo. O calvinismo também é conhecido como Fé Reformada, Confissão Reformada ou Teologia Reformada, se caracterizando tanto como movimento religioso protestante, quanto como ideologia sociocultural com raízes na Reforma Protestante iniciada por João Calvino, em Genebra” (Nascimento, 2018a, p.83).

caracterizou-se por intensa religiosidade, oriunda de ditames católicos. Algumas das medidas seguidas avidamente foi a punição de hereges, bem como o restabelecimento da Inquisição, a propagação, através do medo, da importância do temor a Deus, do cuidado com o pecado e da vigilância quanto ao Juízo Final. O público de Vieira, formado por uma população de catequizados cientes de tais medidas, observou o líder religioso elevar a voz, direcionar o olhar para o céu e fazer do uso do recurso retórico de imaginar Deus como ouvinte, em tempo real, da sua mensagem.

A partir disto, nos recordamos de Bakhtin (2011) quando ele entende que a análise do discurso não deve ser limitada apenas à estrutura linguística, pois o sentido se constrói na interação social, condicionada por fatores históricos, ideológicos e situacionais. Nessa perspectiva, Lucas Nascimento (2018a; 2021) reforça que, para compreender um evento polêmico, é imprescindível considerar elementos extralinguísticos, como as condições socioeconômicas, políticas e culturais, uma vez que o discurso nasce da tensão entre vozes sociais e se materializa em um horizonte de valores. Assim, a polêmica não é apenas um embate de enunciados, mas um fenômeno dialógico que articula posições axiológicas e contextos históricos específicos, tornando impossível analisá-la de forma isolada do seu tempo.

Esse entendimento se aplica ao contexto do Sermão do bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda, pregado por Padre Antônio Vieira em 1640, momento em que Portugal buscava consolidar sua independência após 60 anos sob domínio espanhol e já enfrentava a ameaça holandesa no Maranhão. Como observa Jean Delumeau (2009), em sua *História do medo no Ocidente*, Vieira discursava em um tempo permeado pelo medo coletivo da guerra, da fome, das heresias e da perda do império católico, o que conferia às suas palavras uma forte carga persuasiva e escatológica. Dessa forma, os fatores extralinguísticos, como a restauração da monarquia portuguesa e a mentalidade barroca de insegurança, são fundamentais para compreender a dimensão polêmica do sermão, pois, mais do que uma homilia religiosa, ele atuava como instrumento político-teológico-ideológico para mobilizar afetos e garantir adesão ao projeto imperial luso-católico. Analisemos trechos do extenso sermão, a seguir, a partir da Análise dialógica da argumentação (Nascimento, 2018a).

Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda

Baseando-se na ADA, faz-se mister esclarecer alguns conceitos utilizados pelo dispositivo teórico e analítico desta proposta de análise. A prédica em questão é considerada como evento polêmico, pois isto é entendido como acontecimento polêmico em um dado tempo-espaço ou *cronotopo* (Nascimento, 2019b). Essa pregação, como evento polêmico, ao articular tantas vozes individuais e coletivas, se constitui, então, a partir de uma memória discursiva que, inúmeras vezes se volta para o seu passado, de maneira dinâmica, dentro da sua linhagem.

Segundo Nascimento (2018a), a memória discursiva é o mecanismo histórico-dialógico pelo qual sentidos anteriores (palavras, dizeres, argumentos e posicionamentos) são retomados, reatualizados e disputados em novos contextos, estruturando tanto a compreensão quanto o dissenso. O Salmo 43 da Bíblia Latina da Vulgata Clementina⁶ (texto base do sermão), Moisés e o bezerro de ouro (Êxodo 32), o patriarca bíblico Jó e a ideia do pó (cap. 8), a derrota de Israel para Ai, em virtude do pecado de Acã (Josué 7) e outros clássicos citados na prédica, em diálogo com o ideário expansionista português de *Os Lusíadas*, a visão da terra da *Carta de Caminha*, são tópicos, lugares-comuns (*topoi*) que articulam uma memória discursiva axiológica e também atualizam outras polêmicas, como a do próprio bezerro de ouro e Satã *versus* Deus, em Jó.

Esclarecemos, também a partir do que preconiza a ADA, o fato de cada um dos 7 excertos da prédica de Vieira a serem aqui considerados como atos polêmicos. O ato polêmico é um enunciado, dotado de sentido e com efeitos de sentido, caracterizado pelo confronto de vozes a ocupar posições axiológicas opostas dentro de uma mesma esfera de circulação. Ele não se reduz a uma troca de argumentos, mas implica uma prática discursiva orientada pela tentativa de desqualificação da posição adversária e pela afirmação da própria, revelando um embate ideológico constitutivo dos próprios enunciados.

Nesse caso, o ato exprime a polêmica não como apenas um desacordo de opiniões, mas um ato enunciativo que pressupõe a alteridade e a busca pela prevalência de um ponto de vista (Nascimento, 2018a). Esse ato só pode ser compreendido levando-se em conta a historicidade e os valores que orientam as formações enunciativas em conflito. Destacamos também ser a ousadia profética de Vieira, assim como a de Moisés na ocasião referida do bezerro de ouro, de utilizar-se de uma linguagem dramática, dialogando com Deus, em tom

⁶ Cotejamos as citações bíblicas de Vieira, baseadas na Vulgata Clementina, traduzida e anotada pelo Pe. Matos Soares (1964).

cobrança a articular temor e fé, a demonstrar a urgência da resolução da situação da invasão dos hereges, os maiores atos polêmicos constantes nesta peça oratória.

Os trechos extraídos (atos polêmicos) do Sermão foram retirados do Tomo XIV do volume V dos *Sermões* de Vieira (1959), prefaciado e revisto pelo Padre Gonçalo Alves, da biblioteca particular do coautor deste Artigo. Leiamos o primeiro:

[1] **Muita razão tenho eu logo, Deus meu, de esperar que haveis de sair deste sermão arrependido;** pois sois o mesmo que éreis, e não menos amigo agora, que nos tempos passados, de vosso nome: Propter nomen tuum (Vieira, 1959 [1640], p. 305-306, grifo nosso).

Neste trecho, percebe-se, inicialmente, que Vieira, como sujeito argumentante, atribui a Deus características humanas, como a possibilidade de sentir-se arrependido. Temos, também, a atualização do episódio bíblico do bezerro de ouro, assim como Moisés, intercedendo a fim de que Deus, igualmente como naquela ocasião tenha misericórdia com o povo para não abater o seu nome diante dos nativos ainda “gentios” da terra. Tal comportamento revela a sua crença no antropomorfismo divino. Logo, percebe-se que a formulação do jesuíta tem a antropomorfização como base, nesse sentido, esta se torna a condição necessária para pensar e construir a figura de Deus diante de seus ouvintes. Estes, por sua vez, são conduzidos a antropomorfizarem do mesmo modo a partir da observação do líder religioso. Vejamos o próximo fragmento do Sermão:

[2] **Moisés disse-vos: Ne, quaeso, dicant: "Olhai, senhor, que já dizem."** (Vieira, 1959 [1640], p. 306, grifo nosso).

Ao citar Moisés, Vieira faz uso da argumentação pelo exemplo (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1966]). Ele formula um princípio geral a partir do caso de Moisés e o povo hebreu, tendo em vista apontar para Deus que o mesmo deve repetir a sua bondade para com ele e seus catequizados. Afinal, Vieira se vê como um líder e os seus ouvintes como possíveis escravizados pelo poder holandês, assim como os hebreus foram escravizados pelos egípcios.

Na ocasião do desagrado divino com o bezerro de ouro e a manifestação de Deus do desejo de destruir aquele povo, em Êxodo 32, o grande profeta hebreu argumenta com o ser eterno a partir do pressuposto de que o castigo difamaria o nome de Deus perante os povos da época, assim como, agora, sucumbir para os hereges holandeses iria ser a difamação da fé e do evangelho genuínos. Citar tal caso particular serve para comprovar a tese de que se Deus interviu por Moisés, então deve intervir por Vieira. Em seguida, diz:

[3] E eu digo e devo dizer: Olhai, senhor, que já dizem os **hereges insolentes** com os sucessos prósperos, que Vós lhes dais ou permitis: **já dizem que porque a sua, que eles chamam religião é a verdadeira, por isso Deus os ajuda e vencem; e porque a nossa é errada e falsa, por isso nos desfavorece e somos vencidos.** Assim o dizem, assim o pregam, e ainda mal, porque não faltará quem os creia (Vieira, 1959 [1640], p. 306, grifo nosso).

À luz das tensões religiosas entre os campos discursivos em disputa, Vieira faz uso da rotulagem (Angenot, 2019) para tratar os holandeses de hereges insolentes. Tal rotulagem foi utilizada por fariseus para inferiorizar todos aqueles que discordavam da sua forma de pensar a religião, como é possível consultar nos Evangelhos. Além disso, no mesmo parágrafo, Vieira queixa a Deus que o grupo religioso oposto constrói uma dinâmica de distorção, porque associa o catolicismo à falsa religião.

O trecho [3] expressa um ato polêmico em que Vieira constrói um discurso fortemente confrontativo, no qual a voz do outro (“hereges insolentes”) é incorporada de forma responsiva e axiologicamente carregada. Tal recurso confirma a tese de Nascimento (2018a) de que a polêmica é um desacordo profundo que se manifesta no plano argumentativo e dialógico, envolvendo “posicionamentos mobilizados no processo argumentativo” (p. 209). Aqui, a palavra do adversário é recuperada em discurso indireto, mas com marcas de desqualificação, evidenciando a assimetria axiológica entre os campos discursivos: “eles chamam religião” contrapõe-se a “a nossa”, realçando a tentativa de invalidar a legitimidade do outro campo.

O excerto também atualiza o que Amossy (2017) denomina “estratégia desqualificadora”, típica da polêmica, que visa atingir a credibilidade do opositor. Ao atribuir aos holandeses a crença de que sua vitória comprovaria a veracidade de sua religião, Vieira reforça o perigo da persuasão adversária, alertando que “não faltará quem os creia”. Essa advertência, de caráter patêmico, mobiliza o *páthos* do medo, como observa Aristóteles (1382b), pois suscita no auditório a apreensão de que a fé católica seja difamada ou abandonada. Tal movimento revela a função persuasiva do sermão no contexto contrarreformista, ao articular fé e identidade nacional diante de uma ameaça religiosa e política. Ainda no escopo de Amossy (2017), a alcunha de hereges dada aos holandeses descamba para um traço secundário da polêmica, muito mais intenso que o da desqualificação do adversário, pois trata-se da sua diabolização.

Sob a perspectiva da ADA, o ato polêmico de Vieira estrutura-se por uma lógica dialógica que integra vozes sociais antagônicas. Segundo Bakhtin (2011), todo enunciado é responsivo e orientado por uma alteridade constitutiva; aqui, a palavra do “herege” é simulada para ser refutada. A distorção é um recurso central, pois o jesuíta transforma a prosperidade

militar do adversário em argumento teológico, reforçando a necessidade da intervenção divina para evitar o descrédito de Deus e da Igreja. Assim, o evento polêmico não se reduz a um confronto bélico, mas a um embate axiológico sobre a verdade religiosa, situado em um horizonte saturado pelo “medo do outro” (Souza; Camargo, 2019), que reforça a identidade católica por contraste.

Por fim, esse trecho evidencia um microato polêmico crucial: a repetição enfática de “já dizem”, que constrói um efeito de urgência e ameaça discursiva. Tal recurso não apenas informa, mas performa a pressão do tempo presente sobre a ação divina e sobre o auditório, intensificando o caráter dramático da prédica. A alteridade, assim, não é apenas tematizada, mas torna-se em materialidade linguística, o que confirma o caráter retórico-dialógico-argumentativo do gênero sermão (Nascimento, 2018b) e sua inscrição na cultura barroca, onde a palavra é, simultaneamente, arma e escudo na defesa da fé e do império. Seguindo o raciocínio dialógico-dialogal do célebre padre, prossigamos ao próximo excerto:

[4] **Pois é possível, Senhor**, que hão-de ser vossas permissões argumentos contra a vossa fé? **É possível que** se hão-de ocasionar de nossos castigos blasfêmias contra vosso nome? **Que diga o herege (o que treme de o pronunciar a língua), que diga o herege, que Deus está holandês? Oh não permitais tal, Deus meu, não permitais tal, por quem sois.** Não o digo por nós, que pouco ia em que nos castigásseis: não o digo pelo Brasil, que pouco ia em que o destruísseis; por Vós o digo e **pela honra de vosso Santíssimo Nome**, que tão imprudentemente se vê blasfemado: *Propter nomen tuum* (Vieira, 1959 [1640], p. 306, grifo nosso).

O evento polêmico é intensificado por meio de um enunciado fortemente interpelativo, no qual Vieira dramatiza a urgência da intervenção divina. A repetição de perguntas retóricas (“Pois é possível, Senhor...? É possível que...?”) cria um efeito de estranhamento e reforça o caráter argumentativo do sermão, uma vez que tais interrogações funcionam como recurso persuasivo, orientando o auditório a uma conclusão já implícita: a inaceitabilidade da inação divina. Conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), a técnica da pergunta retórica é um meio eficaz de reforçar a adesão, pois conduz o ouvinte a uma resposta desejada sem explicitá-la. Em termos dialógicos, vemos aqui a antecipação da voz do outro (“que diga o herege... que Deus está holandês”) que, mesmo construída como hipótese, é axiologicamente rechaçada, revelando a alteridade como constitutiva do ato enunciativo (Bakhtin, 2011).

A escolha do termo “herege”, reiterada e acompanhada do comentário “(o que treme de o pronunciar a língua)”, inscreve uma estratégia de rotulagem (Angenot, 2019), que funciona como desqualificação do opositor e simultaneamente como intensificador do *páthos*. O temor expresso pelo locutor é dramatizado, mobilizando o medo do outro e pelo outro

(Souza; Camargo, 2019), pois o risco não é apenas militar, mas simbólico: a blasfêmia contra o nome divino. Nesse caso, o medo do outro seria dos holandeses, o medo pelo outro, por empatia, seria o temor pelo futuro da fé pela desqualificação do Nome do próprio Deus. Nesse ponto, a argumentação desloca-se do terreno pragmático (vitória portuguesa) para o axiológico-teológico, o que fortalece a ideia de que Vieira não defende apenas o Brasil ou Portugal, mas a honra do próprio Deus. Assim, a dimensão polêmica atinge um grau máximo de dramaticidade, próprio da oratória barroca, onde a palavra, carregada de emoção e solenidade, busca comover e mobilizar (Oliveira, 2025).

Expressões como “não permitais tal, Deus meu” reiteram o apelo direto à instância transcendente, em tom imperativo, enquanto “por quem sois” e “pela honra de vosso Santíssimo Nome” revelam a fundamentação ética e religiosa da súplica, mobilizando um tópico central: a defesa da glória divina. Ao mesmo tempo, a construção “que Deus está holandês” opera como uma hipérbole depreciativa, a transformar a prosperidade adversária em ameaça à ortodoxia, evidenciando a lógica de confronto entre dois campos discursivos antagônicos (Nascimento, 2019a).

Destaca-se a recorrência da expressão latina *Propter nomen tuum*, retomada do Salmo 43 da Vulgata Clementina, que atualiza a autoridade da Escritura para legitimar o argumento. Essa remissão bíblica confirma o caráter intertextual e a memória discursiva da prédica (Paveau, 2013), na qual a tradição é mobilizada para sustentar a urgência do presente. A dramaticidade desse trecho, portanto, não é mero ornamento estilístico, mas estratégia deliberada para instaurar um efeito de necessidade e inevitabilidade da ação divina, reforçando a tese central do sermão, a partir da qual Deus deve intervir para preservar a sua própria honra, argumento também utilizado por Moisés no episódio bíblico do bezerro de ouro.

Trata-se, assim, de um ato polêmico paradigmático da cultura retórico-teológica seiscentista (Oliveira, 2025), que conjuga o *páthos* (a emoção apelativa retórica mais o medo do outro e o pelo outro), o *éthos* tanto do pregador persuasivo e suplicante quando o do próprio Deus (o apelado) e o *lógos* em uma arquitetura persuasiva profundamente dialógica (Bakhtin, 2011; Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005; Nascimento, 2018a). Prossigamos ao próximo:

[5] Finjamos pois (o que até fingido e imaginado faz horror) **finjamos que vem a Baía e o resto do Brasil a mãos dos Holandeses**; que é o que há-de suceder em tal caso? Entrarão por esta cidade com fúria de vencedores e de hereges: **não perdoarão a estado, a sexo nem a idade: com os fios dos mesmos alfanjes medirão a todos: chorarão as**

mulheres, vendo que se não guarda decoro à sua modéstia: chorarão os velhos, vendo que se não guarda respeito a suas cãs: chorarão os nobres, vendo que se não guarda cortesia à sua qualidade: chorarão os religiosos e veneráveis sacerdotes, vendo que até as coroas sagradas os não defendem: chorarão finalmente todos, e entre todos mais lastimosamente os inocentes, porque nem a esses perdoará (como em outras ocasiões não perdoou), a desumanidade herética. (Vieira, 1959 [1640], p. 316, grifo nosso).

Inicialmente, o que nos salta aos olhos, neste excerto, é um recurso argumentativo que Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) denominam argumento pelo exemplo imaginado, utilizado aqui sob a forma de uma projeção hipotética: “finjamos que vem a Bahia e o resto do Brasil a mãos dos holandeses”. Essa antecipação cria um cenário de horror, ainda que fictício, para conduzir o auditório à adesão por meio do *páthos* do medo. Aristóteles (1382b) observa que o medo é eficaz na persuasão porque decorre da expectativa de um mal iminente e insuportável, exatamente como Vieira constrói: a iminência da invasão é figurada com detalhes, envolvendo o espaço urbano (“esta cidade”), a coletividade e até a inocência das crianças, compondo um quadro dramático de destruição física e moral.

Isto mobiliza mais uma vez o que Souza e Camargo (2019) colocam sobre o medo do outro e pelo outro, pois aqui trata-se da expectativa futura de medo do que pode acontecer se os holandeses vencerem (medo do outro) e uma perspectiva de medo, a partir da empatia de Vieira do que pode vir a ser das mulheres, dos velhos, dos nobres, religiosos e sacerdotes e da própria fé católica, seus ritos e símbolos sagrados. A gradação descritiva intensifica o efeito emocional: “não perdoarão a estado, a sexo nem a idade”; “chorarão as mulheres... os velhos... os nobres... os religiosos... finalmente todos”. Essa repetição anafórica e a enumeração crescente reforçam a catástrofe iminente, atribuindo ao adversário traços de desumanidade absoluta (“a desumanidade herética”), o que caracteriza uma estratégia de desqualificação típica da polêmica (Amossy, 2017). Essa formulação não apenas opõe valores, mas constrói um antagonismo axiológico radical, em que a alteridade não é apenas diferente, mas perigosa, inaceitável e degradante, confirmando a lógica do evento polêmico descrita por Nascimento (2018a).

A descrição atitudinal “com fúria de vencedores e de hereges” combina a imagem militar à marca religiosa, ampliando o efeito de ameaça: o inimigo não é apenas um invasor, mas um agente do mal espiritual (diabolização). Aqui, em vez de simples descrição, temos uma dramatização que, conforme Bakhtin (2011), incorpora vozes sociais e valores, encenando a alteridade como fator de horror coletivo. Esse movimento dialógico não é neutro: as ações atribuídas aos holandeses de profanação, violência sexual, violação de hierarquias são apresentadas como possíveis e também carregadas de um juízo valorativo extremo, o que

caracteriza uma distorção persuasiva, pois exagera traços para reforçar o apelo ao auditório e, obviamente a Deus, pelo próprio Nome dele.

Este ato polêmico em questão, revela a função central da memória discursiva na composição do *éthos* de Vieira. Ao recordar “como em outras ocasiões não perdoou”, ele insere o futuro imaginado em uma linhagem histórica de crueldade, legitimando a hipótese projetada. Essa evocação, analisada à luz de Paveau (2013), mostra como a interdiscursividade opera na construção do sentido: o passado é mobilizado para sustentar um cenário de iminência trágica. Assim, o sermão ultrapassa a função homilética para atuar como instrumento de coesão social e resistência, inserindo-se na cultura barroca de guerra espiritual e no quadro das querelas retórico-teológicas seiscentistas (Oliveira, 2025). Vejamos o próximo:

[6] Enfim, Senhor, despojados assim os templos, e derrubados os altares, **acabar-se-á no Brasil a cristandade católica: acabar-se-á o culto divino: nascerá erva nas igrejas, como nos campos: não haverá quem entre nelas.** Passará um dia de Natal, e não haverá memória de vosso nascimento: passará a Quaresma e a Semana Santa, e não se celebrarão os mistérios de vossa Paixão. Chorarão as pedras das ruas, como diz Jeremias que choravam as de Jerusalém destruída: *Viae Sion lugent, eo quod non sint qui veniant ad solemnitatem.* Ver-se-ão ermas e solitárias, e que as não pisa a devoção dos fiéis, como costumava em semelhantes dias. (Vieira, 1959 [1640], p. 317-318, grifo nosso).

Vieira constrói uma argumentação fundada na projeção apocalíptica, recurso amplamente utilizado na retórica barroca para provocar temor e adesão (Delumeau, 2009). A sequência de orações com verbo no futuro (“acabar-se-á... nascerá erva... não haverá quem entre...”) cria um cenário de desolação que sugere a ruína completa da cristandade católica do Brasil seiscentista. Como aponta Aristóteles (1382b), a emoção do medo é intensificada pela antecipação de males inevitáveis e irreparáveis. Vieira dramatiza esse horizonte ao lançar mão de imagens sensoriais fortes (igrejas desertas com ervas a crescer nos altares), articulando o *páthos* do medo com uma dimensão axiológica: não se trata apenas da perda material, mas da extinção da memória sagrada, seus lugares, ritos e símbolos. Essa dramatização é reforçada pela citação bíblica de Lamentações de Jeremias 1.4a “*Viae Sion lugent*” (“Os caminhos de Sião choram”), que insere a hipótese futura na linhagem intertextual das destruições sagradas, confirmando a análise de Paveau (2013) sobre a memória discursiva como estratégia de persuasão. A memória da Jerusalém desolada pela invasão destruição e cativeiro babilônico é evocada e atualizada para um Brasil invadido e subjugado pelo herege holandês.

Sob a perspectiva da ADA, temos aqui um ato polêmico que acentua a oposição axiológica entre os campos discursivos: o “outro” não apenas ameaça, mas desencadeia uma

ordem do caos, capaz de suprimir os ritos e apagar a história da fé. Em termos bakhtinianos, esse enunciado é saturado de valores e responde à voz imaginada do adversário, reforçando a lógica do evento polêmico (Nascimento, 2018a). Trata-se de um recurso que radicaliza a diferença, aproximando-se do que Amossy (2017) denomina “diabolização do adversário”, pois sugere que a vitória holandesa resultaria na profanação irreversível do espaço sagrado e na ruptura do pacto divino com a comunidade. Sendo assim, vamos ao último trecho selecionado deste polêmico sermão:

[7] Não haverá missas, nem altares, nem sacerdotes que as digam: morrerão os católicos sem confissão nem sacramentos: pregar-se-ão heresias nestes mesmos púlpitos, e **em lugar de S. Jerónimo e Santo Agostinho, ouvir-se-ão e alegar-se-ão neles os infames nomes de Calvino e Lutero**, beberão a falsa doutrina os inocentes que ficarem, relíquias dos Portugueses: e chegaremos a estado, que se perguntarem aos filhos e netos dos que aqui estão: **Menino, de que seita sois?** Um responderá, eu sou calvinista; outro eu sou luterano. (Vieira, 1959 [1640], p. 318, grifo nosso).

O excerto [7] apresenta uma ampliação do efeito dramático, intensificando a retórica do medo com base na desestruturação completa do universo católico. O apagamento do culto, a ausência de sacerdotes e sacramentos e a substituição da ortodoxia pela heresia formam o núcleo argumentativo desse ato polêmico. A oposição entre os púlpitos católicos que evocavam as citações aos renomados santos e teólogos São Jerônimo e Santo Agostinho e a possibilidade de se ouvirem “os infames nomes de Calvino e Lutero” evidencia o que Amossy (2017) denomina dicotomização e polarização. A primeira constrói uma fronteira absoluta entre “nós” e “eles”, enquanto a segunda radicaliza essa fronteira em um antagonismo irreconciliável. A adjetivação “infames” intensifica a estratégia de desqualificação do adversário, um dos traços essenciais da polêmica, somado ao secundário da diabolização, pois os reformadores são tratados não apenas como errados, mas como símbolos do mal e da corrupção espiritual (Amossy, 2017).

A cena imaginada por Vieira, de filhos e netos portugueses declarando-se calvinistas ou luteranos funciona, aqui, como uma ameaça de dissolução identitária que coloca em risco a própria continuidade da cristandade católica no Brasil. Essa construção, na perspectiva da ADA (Nascimento, 2018a), é uma resposta axiológica ao horizonte valorativo do outro campo discursivo, incorporado no enunciado para ser refutado. O pregador antecipa a voz protestante e a inscreve no próprio discurso como representação da alteridade, reforçando a lógica dialógica do evento polêmico.

A imagem final, que transforma os católicos de hoje nos hereges de amanhã, mobiliza

o *páthos* do medo (Aristóteles, 1382b) em sua forma mais intensa: o temor da corrupção interna, da perda do *éthos* coletivo e da vitória simbólica do inimigo. Essa dramatização da heresia iminente confirma que a prédica não é apenas um discurso religioso, mas um ato responsivo e responsável (Bakhtin, 2020), por parte de Vieira, que busca, por meio do apelo ao divino, frear um processo histórico percebido como ameaça existencial (medo do futuro).

A oposição entre as duas modalidades de pregação, uma baseada na autoridade de santos doutores da Igreja, outra no lastro de Lutero e Calvino, revela um conflito sobre a fonte de verdade. Para Vieira, substituir os Padres da Igreja por “infames nomes” não é apenas uma inversão, mas uma profanação. Nesse sentido, a metáfora implícita entre pastores e lobos reforça a ideia de que os portugueses, identificados como guardiões do rebanho, defendem a fé contra os predadores hereges. Essa imagem animalizante, própria da retórica polêmica, associa-se ao processo de diabolização descrito por Amossy (2017), uma vez que os lobos não são apenas inimigos, mas agentes da destruição espiritual. Trata-se de uma estratégia que, segundo Nascimento (2018a), materializa no plano discursivo a hierarquização de valores: de um lado, a verdade, a ortodoxia, a salvação; de outro, a falsidade, a corrupção e a condenação.

A expressão “beberão a falsa doutrina os inocentes” introduz uma metáfora vital que sugere contaminação e morte, evocando a imagem bíblica da água como vida para subvertê-la em veneno. Isso pode ser entendido como o exemplo da articulação entre o *páthos* e o *éthos*, pois o medo da heresia é ampliado pelo apelo à vulnerabilidade dos inocentes, reforçando a autoridade moral do pregador como protetor da fé. Esse enunciado, saturado de valor, é um ato responsivo que não apenas refuta, mas constrói um cenário em que a intervenção divina se torna imperativa. Assim, o trecho confirma a hipótese da ADA de que a argumentação não se limita a convencer pelo raciocínio lógico, mas atua no campo axiológico, transformando a polêmica, neste caso do sermão de Vieira, em instrumento de mobilização ideológica e espiritual (Nascimento, 2018a). Essa mobilização, por sua vez, está dentro do que Jean Delumeau (2009) comenta sobre a atuação de Vieira no contexto do medo seiscentista em meio aos embates contrarreformistas e escatológico apocalípticos da escrita e oratória vieiriana.

A análise destes sete excertos evidencia que o *Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda* é um ato polêmico estruturado pela interação entre vozes antagônicas em um horizonte axiológico radicalmente polarizado. As estratégias discursivas de Vieira, articuladas a partir de perguntas retóricas, projeções hipotéticas, enumerações patêmicas e dialogismo bíblico, confirmam os traços constitutivos da polêmica descritos por Amossy (2017): dicotomização, polarização e desqualificação do adversário, somados ao

traço secundário da diabolização. Esses recursos não apenas reforçam a oposição católico *versus* herege, mas dramatizam a ameaça, mobilizando o *páthos* do medo (Aristóteles, 1382b) e transformando a defesa da fé em questão de honra divina. A retórica vieiriana, assim, tensiona o gênero sermão para além do didatismo religioso, inserindo-o no campo da disputa ideológica e política do século XVII (Delumeau, 2009; Oliveira, 2025).

Sob a ótica da ADA (Nascimento, 2018a), esses excertos revelam um discurso responsivo e saturado de valores, em que o pregador encena a alteridade para refutá-la e, com isso, constrói um efeito de inevitabilidade da intervenção divina. O gênero é marcado por uma arquitetura persuasiva que articula o *éthos* (a autoridade moral do pregador), o *páthos* (o medo da derrota e da heresia) e o *lógos* (a racionalidade das analogias bíblicas e a própria construção racional do sermão), em consonância com a tradição barroca e contrarreformista (Oliveira, 2025). Assim, a prédica vieiriana assume a função de resistência discursiva, reafirmando a identidade católica e nacional frente ao perigo protestante, tornando-se não apenas um ato retórico, mas um gesto político-teológico que atualiza a tensão entre fé, poder e palavra e torna este sermão, de fato, em um grande exemplar retórico-discursivo-argumentativo de um evento polêmico.

Considerações finais

Este sermão de Vieira, longe de se restringir a uma dimensão meramente homilética, opera como instrumento de resistência e de construção identitária. Ao conjugar *éthos*, *páthos* e *lógos* em sua arquitetura discursivo-retórico-argumentativa, revela-se um evento polêmico em que a palavra assume função bélica, voltada tanto para defender a fé católica quanto para legitimar um projeto político e social mais amplo. A articulação entre a tradição bíblica, a retórica clássica e contexto histórico do século XVII insere o discurso vieiriano na lógica das disputas da época, conferindo-lhe atualidade e densidade argumentativa.

Ao mobilizar traços argumentativos da polêmica, como polarização, dicotomização e a desqualificação do adversário, descambando para a diabolização, Vieira constrói um campo argumentativo marcado pela alteridade, no qual a voz do outro é encenada para ser refutada. Tal procedimento confirma que o gênero sermão, em sua expressão barroca, é simultaneamente um ato de fé e de combate. Nessa perspectiva, a força de sua palavra está no modo como a memória discursiva e as projeções de medo do outro e pelo outro, a partir do vislumbre de uma hecatombe futurístico-hipotética, são acionadas para instaurar o medo da

perda, a urgência da intervenção divina e a necessidade da coesão coletiva. Dessa maneira, a prédica atinge não apenas o intelecto, mas sobretudo as emoções e a identidade do auditório, reafirmando a inseparabilidade entre discurso religioso e projeto histórico. E, ao mesmo tempo, faz de Deus o seu destinatário, tornando o auditório em um terceiro interessado na intervenção divina, a partir dos apelos persuasivos do sermão.

O sermão de Vieira, enquanto evento polêmico, reflete a potência da linguagem em sua dimensão argumentativa e dialógica. Sua prédica não se limita a informar ou exortar, mas atua como um gesto político-teológico, instaurando fronteiras, preservando valores (axiologia), a defender uma visão de mundo em que a fé católica se confunde com a própria sobrevivência nacional. Ao mesmo tempo em que denuncia a ameaça do outro (medo do outro), o texto reafirma a centralidade da palavra como espaço de luta simbólica, de negociação de sentidos e de preservação da memória coletiva diante da hipótese fatalista e apocalíptico-escatológica de etnocídio do catolicismo português no Brasil (medo pelo outro). É nesse entrecruzamento de fé, poder e linguagem que reside a atualidade e a força do discurso vieiriano em uma época na qual o discurso religioso e as polêmicas religiosas têm sido tão evidentes, em nossa contemporaneidade, no sentido de pautas e agendas político-ideológicas de fé e manutenção dos costumes judaico-cristãos ainda hegemônicos no Ocidente.

Referências

ALVES, Ghabriel Ibrahim Ermida Tinoco. **Razão misteriosa e ornamento decoroso na obra de Padre Antonio Vieira.** 2025. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/24140>. Acesso em: 19 fev. 2026.

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica.** Coord. da trad. Mônica Magalhães Cavalcante. Tradução Rosalice Botelho Wakim Souza Pinto et al. São Paulo: Contexto, 2017.

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso.** Coord. trad. Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. São Paulo: Contexto, 2020.

ANGENOT, Marc. A retórica da qualificação e as controvérsias de rotulagem. Tradução Rodrigo Seixas. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 18, p. 151-170, abr. 2019. DOI: <https://doi.org/10.17648/eidea-18-2283>

ARISTÓTELES. **Retórica das paixões.** Prefácio de Manuel Alexandre Júnior. Introdução, notas e tradução de Manuel Alexandre Júnior. São Paulo: Editora WMF, 2012.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Os gêneros do discurso**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução Valdemir Miotello; Carlos Alberto Faraco. 3. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida da Vulgata e anotada pelo Padre Matos Soares. 3. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1964.

CENCI, Guilherme João. Sociopolítica em Vieira: o sermão como artifício de intensificação crítica. In: **Revista Água Viva**, v. 1, n. 2, abr. 2011. DOI: <https://doi.org/10.26512/aguaviva.v1i2.10414>

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HANSEN, Marise Soares. Padre Antonio Vieira: engenho e engajamento. In: MENDES, M. (org.). **Caderno de Leituras - Clássicos Brasileiros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, v. 1, p. 13-23.

NASCIMENTO, Silva, Lucas. **Análise dialógica da argumentação**: a polêmica entre afetivossexuais reformistas e cristãos tradicionalistas no espaço político. 2018a. 557f. (Doutorado em Língua e Cultura) - Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018a.

NASCIMENTO, Lucas. A filosofia do ato responsável como fundamento retórico-argumentativo: um caminho possível. In: AZEVEDO, I. C. M.; PIRIS, E. L. (orgs.). **Discurso e argumentação**: fotografias interdisciplinares. Vol. 2. Coimbra: Grácio Editor, 2018b, p. 153-172.

NASCIMENTO, Lucas. Análise dialógica da argumentação polêmica: uma hipótese geral. In: **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 151-169, 2019a. DOI: <https://doi.org/10.22168/2237-6321-11395>

NASCIMENTO, Lucas. Quando o alter ethos é homofóbico. In: **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 18, p. 57-73, abr. 2019b. DOI: <https://doi.org/10.17648/eidea-18-2198>

NASCIMENTO, Silva, Lucas. Análise dialógica da argumentação polêmica: uma hipótese geral. **Entrepalavras**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 151-169, abr. 2019a. DOI: <https://doi.org/10.22168/2237-6321-11395>

NASCIMENTO, Silva, Lucas. Da filosofia ao discurso: Mikhail Bakhtin. In: **Interfaces**. v. 12, n. 1, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5935/2179-0027.20210006>

OLIVEIRA, Ana Lúcia Machado de. *Ut teologia rhetorica: Vieira e as querelas retórico-teológica seiscentistas.* In: **À roda de Antônio Vieira: ensaios escolhidos.** Rio de Janeiro: 7 letras, 2025, p. 22-39.

OLIVEIRA, Ana Lúcia Machado de; ALVES, Ghabriel Ibrahim Ermida Tinoco. Ductus misterioso e prudência em sermões do Padre Antônio Vieira. In: **Cadernos de Letras da UFF**, Brasil, v. 36, n. 71, 2025. p. 270-290.

PAVEAU. Marie-Anne. Memória, des-memória, a-memória: quando o discurso volta-se para seu passado. Tradução Jocilena Santana Prado; Eduardo Lopes Piris. In: **EID&A – revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação.** Ilhéus, n. 5, p. 137-161, dez. 2013. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/441>. Acesso em: 17 set. 2020.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica.** Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SOUZA, Nathan Bastos de; CAMARGO, Gabriela Cristina Vaz. “Medo do outro, medo pelo outro”: reflexões sobre identidade e alteridade em alguns discursos políticos. In: Grupo De Estudos dos Gêneros do Discurso (GEGe/UFSCar). **O medo do outro.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2019, p. 69-80.

SOUZA, Nathan Bastos de; MIOTELLO, Valdemir. Apresentação. In: Grupo De Estudos dos Gêneros do Discurso (GEGe/UFSCar). **O medo do outro.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2019, p. 9-11.

VIEIRA, António. Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda. In: **Sermões.** vol. V. Tomos XIII, XIV e XV. Prefaciado e revisto pelo Rev. Padre Gonçalo Alves. Porto: Lello & Irmão Editores, 1959. (Obras Completas do Padre António Vieira) Tomo XIV, p. 297-326.

Recebido em: 4 de setembro de 2025

Aceito em: 3 de fevereiro de 2026